

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i34.20247>

## APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA CAVALARIA MEDIEVAL NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA GLOBAL

**Ives Leocelso Silva Costa**

Doutorando em História (PPGHistoria-UFPE)

Professor Efetivo de História da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas

E-mail: [ivesleocelso@gmail.com](mailto:ivesleocelso@gmail.com)

### Resumo

Nas últimas três décadas, diversos historiadores em regiões das mais distintas do mundo têm colaborado coletivamente para a construção de uma perspectiva global da História. Tal perspectiva seria pautada pelas conexões históricas existentes entre regiões muitas vezes examinadas de forma estanque e pelo esforço de ruptura com algumas narrativas historiográficas que elencam a Europa Ocidental como espaço privilegiado de análise. Ainda que os estudos de História Global, influenciados pelo processo de globalização pós-fim da União Soviética, tenham focado no período após a Expansão Marítima Europeia, diversos pesquisadores vêm buscando trazer o enfoque global para a época pré-moderna, levando ao desenvolvimento de uma História Medieval Global. Diante disso, este artigo almeja examinar algumas possibilidades e limitações para o estudo da Cavalaria Medieval sob a égide da História Global.

**Palavras-Chave:** Cavalaria. História Medieval. História Global.

## NOTES TO THE STUDY OF MEDIEVAL CHIVALRY WITHIN THE FRAMEWORK OF GLOBAL HISTORY

### Abstract

In the last three decades several historians in the most different regions of the world have collectively collaborated to the construction of a global perspective of History. That perspective would be guided by existing historical connections among regions examined many times in a self-contained manner and by the effort to break with some historiographical narratives which

put Western Europe as a privileged space of analysis. Even though Global History studies, influenced by the post-Soviet Union process of globalization, have focused in the period after the European Maritime Expansion, several researchers have sought to bring the global focus to the pre-modern age, leading to the development of a Medieval Global History. With that in mind, this article intends to examine some possibilities and limitations to the study of Medieval Chivalry under the aegis of Global History.

**Keywords:** Chivalry. Medieval History. Global History.

## Introdução

As transformações geopolíticas do início da década de 1990 tiveram um profundo efeito no universo acadêmico. O cientista político norte-americano Francis Fukuyama (1992) proclamou o fim da História e o triunfo do capitalismo e da democracia liberal. Por sua vez, seu colega e conterrâneo Samuel P. Huntington (1996) argumentou que a Guerra Fria seria substituída pelo choque de civilizações, especialmente entre o Ocidente e o Islã. Os atentados de 11 de setembro de 2001 e a subsequente Guerra ao Terror colocaram o paradigma de Huntington em evidência (Abrahamian, 2003), mas sua tese recebeu diversas críticas.

Um de seus principais opositores foi o intelectual palestino-americano Edward Said, um dos fundadores dos chamados estudos pós-coloniais. De acordo com Said (2001), a concepção de Huntington de civilizações fechadas seria uma representação equivocada, uma vez que a convergência e o intercâmbio entre diferentes culturas seriam elementos claramente presentes na realidade histórica, tanto quanto as guerras e conflitos.

A partir disso, pode-se afirmar, para efeitos de argumentação, que duas amplas visões de mundo emergiram do colapso da União Soviética: uma que opõe um Ocidente triunfante ao resto do planeta que possivelmente o ameaça; e outra que reenquadra a própria noção de Ocidente e defende a ideia de multipolaridade. Subjacente a essas interpretações está o reordenamento do mundo em processo de globalização: da integração da União Europeia, às crises étnico-políticas nos Bálcãs; do *status* a um só tempo nítido e fragilizado da hegemonia estadunidense, à ascensão econômica da China; do *boom* de desenvolvimento do Sul Global (dentre os quais

destacam-se o Brasil, a Índia e a África do Sul), à autocracia de uma Rússia novamente beligerante.

Diante dessa “realidade desordeira”, para utilizar um termo empregado por Said (2001), alguns historiadores decidiram rever as tendências que colocavam o Ocidente, mais especificamente a Europa Ocidental, no centro da narrativa e da análise históricas. Afinal, diante de um mundo hiper conectado, no qual a Europa é apenas um de vários centros de produção econômica, tecnológica e cultural, que sentido faria uma História de caráter eurocentrado? A tendência não era nova, remetendo aos estudos subalternos e revisitando a História em larga escala de Fernand Braudel e os sistemas-mundo de Immanuel Wallerstein, mas decididamente ganhou fôlego no novo cenário global.

Apesar disso, a História Global não se manifestou como uma corrente unificada, dando ensejo a uma série de interpretações divergentes e de difícil síntese, figurando alternativamente como um objeto, um campo, um método, uma teoria e uma episteme (Crossley, 2015; Conrad, 2019). Inicialmente, seu ponto de partida era a Idade Moderna, através das conexões estabelecidas pela Expansão Marítima Europeia dos séculos XV e XVI e dos processos de colonização e formação de impérios dela decorrentes, como pode ser observado nos trabalhos do historiador indiano Sanjay Subrahmanyam (1993), uma das maiores referências na área. Entretanto, não tardou para que a História Global abarcasse o medieval, provocando muitos debates sobre seus limites e mesmo sobre a definição de Idade Média.

### **A História Global Medieval**

A Idade Média suscita problematizações como nenhum outro período histórico tradicionalmente definido. Ora é concebida como uma Idade das Trevas entre a Antiguidade e a Modernidade, ora como uma era romântica que produziu o nascimento das nações europeias. De forma estrita, é muitas vezes identificada com a Europa, de forma ampliada, com as três “civilizações” que circundavam o Mediterrâneo entre os séculos VII e XV (a Cristandade Latina, o Império Bizantino e o Islã), deixando o restante do mundo em um vácuo temporal que é preenchido por disciplinas específicas (História da África, por exemplo). Seus primeiros séculos são absorvidos pelos antiquistas no estudo da Antiguidade Tardia; seus últimos pelos

modernistas nos debates sobre o Renascimento e a formação do Estado Moderno. Sendo, portanto, um campo tão abertamente propenso a querelas e experimentações, nada mais natural que tenha estabelecido diálogo com a História Global.

Na História Global da Idade Média, campo plural e ainda em processo de consolidação, prevalece a ênfase na conexão (de tal maneira que talvez a denominação História Medieval Conectada fosse mais apropriada) e na circularidade: de bens, pessoas e ideias. Uma de suas propostas mais evidentes é a ruptura com o eurocentrismo, reposicionando a Europa Ocidental no contexto afroeuroasiático, além da crítica às historiografias nacionalistas e a valorização dos contatos e intercâmbios econômicos e culturais.

Mas quão global é esse novo medievo? Ele inclui as Américas e a Oceania? Os historiadores divergem. Para Erik Hermans (2020a, p. 7-8), a África Subsaariana, a Oceania, a Sibéria e o continente americano não seriam contemplados, pois estavam situados fora do circuito de conectividade, embora fenômenos climáticos como atividade vulcânica pudessem afetar todo um hemisfério. Por outro lado, Catherine Holmes e Naomi Standen (2018, p. 25) defendem que tanto a América quanto a Australásia e o Pacífico são fundamentais para a composição da Idade Média Global. Já Robert I. Moore (2016) não se posiciona diretamente sobre a questão, embora em suas análises refira-se somente à Eurásia a partes da África. Algo semelhante foi feito pela pioneira Janet Abu-Lughod (1989), que vislumbrou um sistema-mundo medieval no século XIII (1250-1350) conectando a Europa, o Oriente Médio, o Norte da África e a Ásia.

Se o alcance geográfico não é um consenso, a caracterização do medievo global também gera diferentes interpretações. Alguns medievalistas optam por considerar a Idade Média simplesmente como um marco temporal que se estende dos anos 500 a 1500, desprovida de qualquer essencialismo (Fried, 2015, p. viii-ix). Os medievalistas globais, contudo, tendem a atribuir particularidades que definem o período. Dessa forma, Holmes e Standen, influenciadas por Moore, compreendem a Idade Média Global como uma era de Intensificação ou Diversificação, durante a qual teria ocorrido: o aumento da garantia e distribuição do excedente de produção; o desenvolvimento e aplicação de ferramentas de governo e sua penetração em pequenas comunidades, suplantando ou apoiando hegemonias locais; a difusão da alfabetização; o aumento do poder e influência dos sacerdotes e o estabelecimento de santuários

e rotas de peregrinação; o crescimento de pequenas aristocracias, de associações de caridade e guildas de mercadores (Holmes; Standen, 2018, p. 15; Moore, 2016, p. 91).

Porém, enquanto Moore (2016, p. 80-86) advoga pela abolição do termo “Idade Média” por ser uma criação exclusivamente europeia, já que tanto a ruptura com a Antiguidade quanto a transição para a Modernidade não fazem sentido fora da Europa, Holmes e Standen (2018, p. 20) contendem pelo uso de “Idade Média Global” como um termo “guarda-chuva” que envolve periodizações flexíveis, variáveis de acordo com o tema examinado. Ambas apresentam possíveis eventos que teriam dado início ao medievo, agrupados nos séculos III e IV e, alternativamente, VII e VIII. Contudo, ainda que se perceba uma honesta tentativa de inclusão de acontecimentos em múltiplas regiões – como a formação de Gupta e o aumento da exploração e dos assentamentos polinésios, no século IV, e o estabelecimento da civilização Muisca nos Andes e a rebelião de An Lushan na China Tang, no século VIII – episódios tradicionais permanecem evidentes em sua tentativa de periodização, tais como a divisão do Império Romano (século III), a conversão de Constantino ao Cristianismo (século IV) e a ascensão dos Carolíngios (século VIII) (Holmes; Standen, 2018, p. 27).

Um dos problemas da abordagem de Holmes e Standen é o risco de se produzir trabalhos enciclopédicos, que trazem uma vasta quantidade de informação, mas sem uma problematização clara. Isso pode ser percebido em seu método de escolha, denominado “combinativo”, segundo o qual não se procuram relações causais entre fenômenos (muitas vezes não há, dada a amplitude geográfica), ou mesmo um exercício de comparação entre sociedades distintas, mas somente a justaposição de estudos dentro de um tema maior (Holmes; Standen, 2018, p. 23-25). Hermans (2020a, p. 1-3), de outro modo, defende a construção de narrativas macro-históricas a partir da compreensão de eventos e contextos locais e regionais a partir de uma visão do alto que revele as confluências globais. Segundo ele:

Os incontáveis circuitos de comércio regionais, em conjunto, criaram uma rede de intercâmbio de proporções verdadeiramente globais, conectando, em última análise, os grandes impérios no centro da Afro-Eurásia com mosteiros da Europa Ocidental, oásis no extremo sul do Saara, portos na costa suaíli da África Oriental, comunidades nômades nas estepes da Ásia Central, reinos locais no subcontinente indiano, governos nas penínsulas malaia e coreana, e comerciantes da Indonésia e arquipélagos japoneses. Embora as origens desta vasta rede de trocas fossem comerciais, também facilitou o intercâmbio de soldados, diplomatas, missionários, intelectuais, e dos textos e ideias que eles trouxeram e, finalmente, dos germes. A Peste Justiniana, que

surgiu no século VI e não diminuiu verdadeiramente por dois séculos depois, foi capaz de afetar pessoas da África Oriental à Europa Oriental e mais além porque o mundo alto-medieval estava tão conectado (Hermans, 2020a, p. 7, tradução nossa).

Acreditamos que a ênfase nas conexões e múltiplas influências em larga escala é a maneira mais rica e produtiva de estabelecer um diálogo entre a História Medieval e a História Global. Em um fascinante estudo sobre redes de circulação globais pré-modernas, Nicholas Purcell (2016) examinou as cadeias de produção, comercialização e usos do incenso na Antiguidade, demonstrando a conectividade de povos e mercados separados por longas distâncias através de polos nodais de comunicação em uma forma de *soft globalization*. Nesse processo de contato indireto, cada comunidade inserida nas rotas de trânsito afetava e era afetada pelo produto, atuando como elos em uma corrente que conectava o Oceano Índico ao Mar Mediterrâneo, tendo o Mar Vermelho como principal veículo de distribuição.

Apesar de Hermans (2020a, p. 7-8) rejeitar a ideia da História Global do medievo como uma etapa da História da globalização, argumentando que houve momentos de maior e menor conectividade e que não se deve compreender a Idade Média Global de forma teleológica, consideramos que seu destaque para a conectividade o aproxima da abordagem de Purcell. Por outro lado, cremos que em seu estudo sobre a conectividade intelectual na Alta Idade Média, Hermans (2020b) não foi tão bem-sucedido, pois ainda que tenha sublinhado a circulação de determinados textos religiosos entre islâmicos, budistas e cristãos de diversas denominações, sua hipótese de que teria havido um *continuum* intelectual na Eurásia dos séculos VIII e IX nos parece pouco fundamentada.

Outros medievalistas preferem compreender a globalidade medieval através da cultura e do imaginário, de como se enxergava o mundo e os povos distintos (muitas vezes parcial ou completamente desconhecidos) que nele vivem. A ideia de que os homens e mulheres medievais percebiam-se inseridos em mundo amplo que ultrapassava os limites das terras que habitavam e era pleno de mistérios e maravilhas é denominada consciência de globalidade (conceito emprestado do sociólogo das religiões Roland Robertson) (Silveira, 2022, p. 3). É o caso de Carlos Carreto (2019) que, inspirado por Nicole Loraux, defende as virtudes do anacronismo na leitura dos elementos globais da literatura medieval, e também de Aline Dias da Silveira (2022), em seus estudos sobre cosmologia medieval. Ao argumentar pelo descentramento e reposicionamento da História Medieval, com a superação de pressupostos epistemológicos

eurocêntricos, essa tendência dialoga de maneira muito próxima com os estudos pós-coloniais.

Nesse sentido, Silveira, brasileira, afirma:

Quanto a nós, sul-americanos, parece-me que a questão seria tomar consciência da riqueza que nosso olhar mestiço de racionalidades híbridas e, por isso, academicamente amplo pode trazer para o debate internacional das ciências humanas. Essa consciência, certamente, não é uma novidade, mas o ponto e o momento nunca foram tão oportunos como agora, pois a revolução das *digital humanities* e as possibilidades de convênios internacionais oferece possibilidades reais para a realização da integração e crítica do conhecimento (Silveira, 2019, p. 226).

Essa postura política-epistêmica se manifesta de forma contundente na obra de Geraldine Heng (2021, p. 9-12), que afirma que as pesquisas em História Medieval Global podem servir para romper com paradigmas conceituais de modernidade, temporalidade e ciência originados na Europa e disseminados como universais. Heng (2021, p. 53) argumenta que os estudos medievais globais devem ir além das estruturas macroeconômicas e se debruçar em análises minuciosas das interconectividades nos âmbitos da cultura, sociedade, religião, arquitetura, música, arte, classe, gênero, sexualidade, raça e mesmo da vida animal e dos ecossistemas.

É evidente que uma pesquisa de tal vastidão escapa à capacidade de qualquer historiador, ou mesmo equipe de historiadores, razão pela qual é unânime entre os praticantes da História Medieval Global o reconhecimento de que ela só pode ser feita coletivamente, sendo construída a partir dos trabalhos de múltiplos historiadores ao longo do tempo. A possibilidade de colaborar com especialistas de campos e periodizações radicalmente distintos é um dos componentes que mais parece gerar entusiasmo para a História Global da Idade Média. Por outro lado, representa uma de suas fragilidades, pois a revisão da historiografia que compõe um dos elementos de conexão da narrativa global pode desautorizar todo o construto.

A História Medieval Global também corre o risco de fomentar simplificações e generalizações, pois as divergências historiográficas internas a cada disciplina precisam ser dirimidas para que o diálogo com outras áreas seja viável. Isso pode gerar a criação de consensos artificiais que servem somente ao exercício retórico da globalidade. Isso posto, a seguir tentaremos oferecer alguns apontamentos para a pesquisa da Cavalaria medieval na perspectiva da História Global.

## A Cavalaria Medieval em Perspectiva Global

De antemão, faz-se necessário reconhecer que a Cavalaria<sup>1</sup> é uma instituição eminentemente europeia, oriunda da Cristandade Latina. É possível que tentativas de comparar a Cavalaria com aristocracias guerreiras não-europeias gerem reflexões interessantes a respeito da natureza das elites medievais e sua relação com a guerra,<sup>2</sup> contudo, essa não será a abordagem aqui adotada. Tampouco focaremos no elemento técnico-militar da cavalaria pesada, unidade de combate presente em praticamente todas as temporalidades desde que os homens começaram a utilizar cavalos na guerra. A literatura Cavaleiresca poderia sem dúvida ser objeto de análises pós-modernas centradas a consciência da globalidade, afinal, os estudos pós-coloniais são quase exclusivamente literários (Cohen, 2000; Kabir; Williams, 2005) e a pesquisa sobre o imaginário e a representação Cavaleirescos é bastante consolidada (Zierer; Bragança Júnior, 2017).

Entretanto, para os fins deste artigo decidimos elencar a circulação de Cavaleiros como chave para a perspectiva global. Assim sendo, adotamos a postura de Giovanni Levi (2018), segundo a qual toda pesquisa, ainda que com pretensões globais, deve partir do micro para o macro. A História Global será aqui utilizada em sua forma mais modesta, buscando antes espaços de interação e contato e um movimento de progressão para além do enclausuramento das historiografias nacionalistas, do que uma escala de conexões em nível planetário. O século XIV foi escolhido como recorte temporal por ser a época na qual se concentram nossas pesquisas.

Em 1346, durante a Guerra dos Cem Anos, exércitos Plantagenetas saquearam a cidade normanda de Caen. A brutalidade do ataque foi registrada pelo cronista Jean Le Bel, que

---

<sup>1</sup> A palavra cavalaria é utilizada na língua portuguesa como equivalente ao inglês *chivalry*, que deriva do inglês médio *chivalrie*, oriunda, por sua vez do francês antigo *chevalerie*. Contudo, orientamos nossa grafia segundo a justificativa de Néri de Barros Almeida quando da tradução de *La Chevalerie*, de Dominique Barthélemy: “os termos empregados em francês para designar a pessoa a cavalo (cavalier), seu agrupamento (cavalerie) e seus hábitos (cavalières), bem como o membro da Cavalaria (chevalier), são, como se pode ver, diversos. O português não permite essa distinção, sendo os dois grupos de sentido designados pelas mesmas palavras, derivadas de “cavaleiro”. Bem mais específicos, os termos franceses chevalier, chevalerie e chevaleresque se aplicam àquele que é visto como integrante da Cavalaria e àquilo que é próprio e digno desta. Em português a distinção entre “cavalheiro” e “cavaleiro” não comporta os sentidos das duas formas francesas. Tendo em vista que a distinção é fundamental ao bom acompanhamento da discussão do processo histórico que, segundo Barthélemy, dá origem à Cavalaria, traduziremos sempre os termos cavalier(s), cavalière(s) e cavalerie por “cavaleiro(s)”, “cavaleiresco(s)” e “cavalaria”, e chevalerie, chevaleresque(s) e chevalier(s) serão vertidos respectivamente como “Cavalaria”, “Cavaleiresco(s)” e “Cavaleiro(s)”. Em processo análogo, *knight* foi interpretado como “Cavaleiro”, *knightly* e *chivalrous* como “Cavaleiresco” e *knighthood* como “ordem da Cavalaria” (Chivalry, 2011; Barthélemy, 2010. p. 15, nota 1).

<sup>2</sup> Marcelo Cândido da Silva (2020) postula a História Global como um método que busca identificar analogias e paralelismos através da comparação.

descreveu como o Condestável da França e seus Cavaleiros tiveram que se esconder para se proteger da violência. Ansiosos por se renderem a um inimigo de bom nascimento, que protegeria suas vidas e os trataria com dignidade enquanto esperava que suas famílias providenciassem o resgate, ou seja, seguindo o “código” da Cavalaria, eles esquadrihavam as forças inglesas à busca de alguém que se adequasse às suas necessidades. Então, segundo Le Bel (2011, p. 173, tradução nossa, destaque nosso), “[...] eles perceberam um valoroso Cavaleiro chamado Sir Thomas Holland, que tinha apenas um olho, e cinco ou seis jovens Cavaleiros com ele, com quem eles haviam frequentemente se encontrado e acompanhando durante campanhas **na Prússia, em Granada e em outros lugares**”.

Esse trecho, além de revelar as redes de sociabilidade e solidariedade entre os Cavaleiros (a rendição foi alegremente aceita), destaca seu deslocamento em atividades militares através diversos cenários. Implícita está sua atuação como cruzados, consideradas as campanhas destacadas: a Prússia era um território sob controle da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos desde as Cruzadas do Báltico no século XIII, em constante conflito com povos não cristianizados na Livônia e na Lituânia;<sup>3</sup> e o Emirado de Granada era último bastião islâmico independente a resistir no sul da Península Ibérica, constantemente assolado pelos reinos cristãos espanhóis.

Os “outros lugares” que Le Bel deixa inominados suscitam a imaginação do historiador. Seriam somente um recurso narrativo para demarcar possíveis jornadas conjuntas em locais não claramente especificados? Seriam espaços da Cristandade Latina onde teriam combatido? Ou seriam talvez outros teatros de ação de cruzados do século XIV? Não há, é claro, resposta. Entretanto, sabe-se que alguns dos contemporâneos do Condestável da França e de Sir Thomas Holland, combatentes assim como eles na Guerra dos Cem Anos, envolveram-se em Cruzadas contra os muçulmanos na Ásia Menor, como foi o caso da Cruzada de Esmirna, cidade atualmente localizada na Turquia, da qual participou o célebre Cavaleiro francês Geoffroi de Charny, em 1345 (Kaeuper, 2005, p. 5-6). Talvez motivado por sua experiência, Charny escreveu em seu manual de Cavalaria, datado de 1351, sobre a experiência daqueles que empreendem viagens e peregrinações a terras distantes:

---

<sup>3</sup> Maurice Keen descreve o fenômeno da *Reise* na segunda metade do século XIV, uma expedição militar cruzadística organizada pelos Cavaleiros Teutônicos com intensa participação de voluntários e peregrinos das mais diversas partes da Cristandade. Entre os célebres participantes desse “turismo Cavaleiresco” estava o futuro rei Henrique IV da Inglaterra (Keen, 1984, p. 171-174).

[...] eles podem por causa disso ver muitas coisas estranhas e incomuns perante as quais outros homens que não viajaram para fora se impressionam devido às estranhas maravilhas e coisas extraordinárias descritas por esses homens que as viram; e aqueles que escutam mal podem acreditar no que ouvem, e alguns dizem zombando que são tudo mentiras. E deveria parecer a todos os homens de valor que aqueles que viram tais coisas podem e devem dar um testemunho melhor e mais verdadeiro do que aqueles não vão ou não ousam ir lá, nem deve ou pode alguém razoavelmente dizer, sem ter estado lá, que tais pessoas mentem. Nós deveríamos, portanto, ficar felizes em ouvir, contemplar, e honrar aqueles que estiveram em jornadas distantes para partes estrangeiras, pois de fato ninguém pode viajar tão longe sem se expor muitas vezes a perigo físico (Kaeuper, 2005, p. 50, tradução nossa).

O ceticismo dos ouvintes diante dos relatos sobre as estranhas maravilhas parece irritar Charny, que defende que aqueles que incorrem perigos e dificuldades não deveriam ser julgados de forma tão leviana por aqueles que não ousam fazer o mesmo. Mas o que o texto nos revela é que o ato de viajar e peregrinar para terras distantes, embora não seja realizado pela maioria (afinal, é razoável supor que os recursos e a liberdade para realizar tais empreitadas eram privilégio de poucos), era algo relativamente comum entre os Cavaleiros (o público alvo de Charny e aqueles em nome dos quais fala).

Em relação à Cruzada de Esmirna, ela foi convocada pelo Papa Clemente VI após o sucesso da Santa Liga, da qual participaram a cidade de Veneza, o Reino de Chipre e os Cavaleiros de Rodes, contra os turcos no Mar Egeu, que resultou na captura de Esmirna, em 1344 (Attya, 1975, p. 12). Apesar disso, a cidadela permaneceu sob o controle de Umur Ghazi, *bey* turcomano de Aydin, cujos ataques navais tinham provocado a ação da Santa Liga em primeiro lugar. Umur era aliado do Imperador João IV Cantacuzeno, por quem intercedeu diversas vezes nas guerras civis de Bizâncio e nos conflitos contra as cidades italianas e os otomanos (Nicol, 1999, p. 175, 198-200).<sup>4</sup>A Cruzada de Esmirna inseria-se, portanto, em um amplo quadro de tensões políticas e religiosas do Mediterrâneo tardo-medieval.<sup>5</sup>

A expedição foi comandada por Humberto II, Delfim de Viennois, que pretendia realizar uma campanha contra os mouros da Espanha, mas foi dissuadido pelo papa a direcionar seus

<sup>4</sup> NICOL, Donald M. **The last centuries of Byzantium, 1261-1453**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 175, 198-200.

<sup>5</sup> André Miatello (2019) demonstrou como as tensões entre cristãos de diversas denominações, das quais destacamos latinos (representados pelo Papado) e cristãos gregos (representados pela Igreja Ortodoxa Bizantina), antecederam e informaram os conflitos entre cristãos e muçulmanos desde a Expansão Islâmica até as primeiras Cruzadas. Acreditamos que essa tendência tenha permanecido e mesmo se intensificado após o Saque de Constantinopla em 1204 e o estabelecimento da *Frankrokratia*; no século XIV, o Principado de Aquéia, o Ducado de Atenas e o Ducado de Naxos permaneciam sob controle latino.

esforços para o Oriente. Acompanhado de cerca de trezentos Cavaleiros e mil besteiros, seu objetivo, caso concluísse a conquista de Esmirna, era avançar para o Mar Negro e socorrer a cidade de Caffa, colônia genovesa então sitiada pelos tártaros da Crimeia.<sup>6</sup> Contudo, a Cruzada pouco alcançou e Humberto, que havia desgastado suas forças em conflitos com os genoveses, abandonou a empreitada em 1347 (Atiya, 1975, p. 12-13). A ocupação dividida de Esmirna permaneceu após a morte de Umur em um ataque à cidadela em 1348 (Nicol, 1999, p. 202).

Além das regiões supramencionadas, houve também incursões na África e no Levante. Após um intenso *tour* de recrutamento que o levou a passar por Rodes, pelas cidades italianas, pelo Reino da França, pelo Sacro Império e pelos Reinos da Hungria e da Polônia, Pedro I de Lusignan, Rei de Chipre, comandou uma hoste de Cavaleiros e soldados que saquearam Alexandria em 1365 e Trípoli em 1366 (Atiya, 1975, p. 13-18). Percebe-se, assim, que a intensa circulação de Cavaleiros em campanhas militares dentro e fora da Europa é uma característica do século XIV. Os efeitos de sua presença nesses cenários têm potencial para suscitar pesquisas interessantes, que poderiam examinar as trocas culturais e econômicas resultantes desses contatos, em geral violentos, mas também marcados por períodos de tréguas e negociações.

O contato entre os Cavaleiros e povos de culturas, línguas e religiões distintos ocorria, adicionalmente, dentro da própria Cristandade. Nesse sentido, é notório o caso da Península Ibérica. Ainda que a *Reconquista* tenha posto em oposição os reinos cristãos e os potentados muçulmanos, os espaços de convivência e colaboração eram vastos. O cronista Jean Froissart, ao narrar a Batalha de Montiel (1369), episódio final da Guerra Civil de Castela, destacou a diversidade dos contingentes armígeros:

Esta batalha de espanhóis contra espanhóis e entre os dois reis e seus aliados, combatida não muito distante do castelo de Montiel foi um episódio sombrio e assassino. Lá estavam muitos bons Cavaleiros do lado do Rei Henrique: Bertrand du Guesclin, Geoffoy Ricon, Arnaut Limosin, Yvain de Lakonnet, Jean de Berguettes, Gauvain de Bailleul, Le Bugue de Villaines, Alain de Saint-Pol, Eliot de Tallay e os **bretões** que lá estavam; do **Reino de Aragão**, o Visconde Rocaberti e o Visconde de Roda e vários outros que não consigo nomear. Eles realizaram muitos bons feitos de armas e de fato tiveram de fazê-lo, pois entre as forças contrárias a eles havia alguns povos muito estranhos, como **sarracenos** e **portugueses**. Os **judeus** que lá estavam logo fugiram e não tomaram parte na luta, mas os **homens de Granada e do Marrocos** lutaram bem. Eles estavam armados com arcos e azagaias que sabiam como

---

<sup>6</sup> A mesma Caffa através da qual, a partir de 1347, a Peste Negra se disseminou pelo Mediterrâneo.

usar e seus disparos e arremessos eram habilidosos ao extremo (Froissart, 1968, p. 170, tradução nossa, destaque nosso).

Os Cavaleiros bretões combatiam a mando do Rei da França, que havia tomado o partido de Henrique de Trastâmara, enquanto o Rei da Inglaterra concedera seu apoio a Pedro, o Cruel, os dois reis em disputa, de modo que a Guerra Civil de Castela pode ser considerada parte do macro conflito da Baixa Idade Média europeia que foi a Guerra dos Cem Anos. Eles combateram em Montiel ao lado de aragoneses e de tropas enviadas por Granada, às quais Froissart atribui perícia nas armas de tiro e arremesso. É curioso seu comentário no qual agrupa sarracenos e portugueses entre os povos estranhos, embora decerto não se deva interpretar tais passagens literalmente, pois muitas vezes elas reiteram preconceitos, a exemplo da covardia dos judeus.

O fato é que em um embate pela Coroa de Castela, observa-se a aliança entre Cavaleiros cristãos e tropas islâmicas. Considerando-se que a batalha é apenas um elemento da prática da guerra medieval, imagina-se os atritos e interações resultantes das marchas, acampamentos, cercos e saques, entre outras atividades realizadas pelas forças conjuntas de um exército. Um estudo sobre tais contatos certamente seria enriquecedor.

Retornando ao ano de 1346, gostaríamos de examinar a circulação de Cavaleiros através de amplas distâncias *dentro* da Europa. Embora isso pareça conflitar com o propósito de uma História Medieval Global, acreditamos ser importante para demonstrar a amplitude das redes de dependência e de lealdade que moviam os reinos e senhorios, auxiliando a romper com: a) uma ideia de medievo estático, na qual a circulação de indivíduos é percebida como algo excepcional (Cruzadas e peregrinações sendo tratadas como exceções); b) os discursos historiográficos nacionalistas que limitam a análise da Idade Média a circunscrições geográficas delimitadas em épocas muito posteriores.

O mapa da página seguinte foi elaborado a partir de estimativas conservadoras obtidas por meio da análise das crônicas que retrataram a Batalha de Crécy (1346). São utilizadas as divisões geográficas atuais para ressaltar as distâncias percorridas e os diferentes espaços linguísticos e culturais atravessados.

O exército Plantageneta era formado majoritariamente por guerreiros ingleses e galeses, embora houvesse a presença de Cavaleiros do Sacro Império, bem como flamengos. A hoste Valois possuía destacamentos oriundos das mais diversas partes: franceses (que não possuíam unidade étnica e dividiam-se em normandos, poitevinos, angevinos, lorenos, occitanos, entre outros), besteiros mercenários genoveses e os séquitos dos Reis Jaime III de Maiorca, João da Boêmia e Carlos da Germânia, além da presença de Cavaleiros suíços (Costa, 2023).

**Figura 1** – Origens dos Contingentes da Batalha de Crécy (1346)



Fonte: O Autor, 2024.

A batalha (marcada por um X no mapa), foi travada no norte da França, na região da Picardia, e foi a culminância de uma campanha de saques e destruição que forçaram o Rei Filipe VI da França a enfrentar o Rei Eduardo III da Inglaterra. Para os fins dessa reflexão, porém, a batalha é menos importante do que o processo que levou até ela. É difícil conceber a complexidade organizacional necessária para mover homens armados por centenas de quilômetros, com necessidades de abastecimento e de obtenção de víveres, de montarias (que exigem também alimento e água) e de meios de transporte (navios e carroças), muitas vezes em território hostil ou pouco conhecido, sofrendo as agruras do tempo. Além dos combatentes, os exércitos eram acompanhados por clérigos e muitas vezes por mercadores e até prostitutas. Uma força de

milhares de soldados equivaleria a uma cidade em marcha, trazendo implicações econômicas e políticas para as regiões pelas quais passavam.

Talvez não tenha havido a presença de combatentes não-europeus em Crécy, apesar da presença de Jaime de Maiorca permitir especulação. Mas cremos que esse exercício é útil para fornecer um modelo ao exame de outros espaços e outros conflitos. Muito poderia ser aprendido com o estudo das forças componentes dos exércitos cruzados, assim como daqueles que os enfrentaram. Inversamente, a pesquisa sobre a atuação de guerreiros muçulmanos em reinos cristãos poderia gerar resultados intrigantes. Pensamos que essas são possibilidades concretas, embora não as únicas, de investigação da Cavalaria medieval pelo viés, senão plenamente da História Global, dado seu caráter fundamentalmente europeu, ao menos da História Conectada.

## Conclusão

A História Global surgiu com a globalização, embora tenha uma relação complexa com o fenômeno. Da mesma forma, os desdobramentos geopolíticos da segunda década do século XXI, com advento da chamada Guerra Fria 2.0 (Gielow, 2021), podem ter um impacto ainda imprevisto no campo. As conexões globais foram dolorosamente explicitadas durante a Pandemia de COVID-19, mas o mundo que emergiu dela está terrivelmente fragmentado. Os Estados Unidos e a União Europeia estão em guerra por procuração na Ucrânia contra a Rússia, que se aproximou da China, do Irã e da Coreia do Norte, em um conflito sem sinal de resolução. As direitas e esquerdas mundiais digladiam-se frente à Guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, em um dos confrontos mais divisórios da História recente.

Poderá a História Global sobreviver ao recrudescimento do processo de globalização? É possível conceber uma História Global que consiga de fato ultrapassar as disputas e fronteiras políticas e ideológicas que marcam o Tempo Presente, e que não se torne somente uma ferramenta retórica para a promoção de pautas de grupos específicos? Não se sabe. Assim como a própria História Global, tais questionamentos fundamentam-se em uma realidade em constante transformação, podendo perder seu sentido pouco tempo após sua submissão.

Independente disso, contudo, a História Global tem sido bem-sucedida em promover reflexões e interpretações diferenciadas dos fenômenos históricos, ressaltando, em seus trabalhos mais refinados, as conexões muitas vezes ignoradas ou pouco exploradas pelos historiadores entre as sociedades e culturas do passado. Dessa forma, a História Global contribui para a História Medieval ampliando seu escopo e suas possibilidades de análise, embora a ambição de inserir todo o planeta em uma única macro narrativa (ou pior, apenas elencar as características de diferentes povos para mera justaposição) pareça fadada a generalizações simplistas.

Seja como for, esperamos ter contribuído para inspirar algumas possibilidades de pesquisas concretas, pois, a nosso ver, é no campo da prática, muito mais que no teórico, que a História Global Medieval irá, ou não, assegurar sua longevidade. Acreditamos que a circulação de Cavaleiros medievais pelo Leste europeu, o Império Bizantino, a Anatólia, o Levante e o Magreb é um objeto plausível, embora de forma alguma o único, para o desenvolvimento de estudos que possam contribuir para o enriquecimento da historiografia medieval.

## Referências

### Fontes

CHARNY, Geoffroi de. **A knight's own book of chivalry**. Trad. Elspeth Kennedy.

Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

FROISSART, Jean. **Chronicles**. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968.

LE BEL, **The true chronicles of Jean Le Bel, 1290-1360**. Ed. e trad. Nigel Bryant.

Woodbridge: The Boydell Press, 2011.

**Bibliografia**

ABRAHAMIAM, Ervand. The US media, Huntington and september 11. **Third World Quarterly**, Abingdon-on-Thames, v. 24, n. 3, p. 529-544, 2003. Disponível em: <https://library.fes.de/libalt/journals/swetsfulltext/16987772.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ABU-LUGHOD, Janet. **Before european hegemony: the world system, A.D. 1250-1350**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

ATIYA, Aziz S. The crusade in the fourteenth century. *In*: HAZARD, Harry W. **A history of the crusades 3: the fourteenth and fifteenth centuries**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1975. p. 3-26.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Trad. Néri de Barros Almeida. Campinas: Unicamp, 2010

CARRETO, Carlos. Global Middle Ages ou as virtudes do anacronismo: a lição do texto medieval. **E-letras com Vida**, Lisboa, n. 2, p. 118-149, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/66>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CHIVALRY. *In*: **American heritage dictionary of the English language**. 5 ed. 2011. Disponível em: <https://www.thefreedictionary.com/chivalry>. Acesso em: 24 jan. 2024.

COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). **The postcolonial Middle Ages**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2000.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Ed. 70, 2019.

COSTA, Ives Leocelso Silva. **A cavalaria na guerra dos cem anos: a campanha militar de Crécy (1346)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2023.

CROSSLEY, Pamela Kyle. **O que é história global?** Petrópolis: Vozes, 2015

FRIED, Johannes. **The Middle Ages**. Trad. Peter Lewis. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. Nova York: The Free Press, 1992.

GIELOW, Igor. Dança geopolítica leva o mundo do 11 de setembro para a guerra fria 2.0. **Folha de S. Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/danca-geopolitica-leva-o-mundo-do-11-de-setembro-para-a-guerra-fria-20.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2024.

HENG, Geraldine. **The global Middle Ages: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HERMANS, Erik. Introduction. In: HERMANS, Erik (ed.). **A companion to the global early Middle Ages**. Leeds: ARC Humanities, 2020a. p. 1-12.

HERMANS, Erik. Intellectual connectivity. In: HERMANS, Erik (ed.). **A companion to the global early Middle Ages**. Leeds: ARC Humanities, 2020b. p. 539-550.

HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi. Introduction: towards a global Middle Ages. **Past & Present**, Oxford, v. 238, n. 13, p. 1-44, 2018. p. 25. Disponível em: [https://academic.oup.com/past/article/238/suppl\\_13/1/5230769](https://academic.oup.com/past/article/238/suppl_13/1/5230769). Acesso em: 24 jan. 2024.

HUNTINGTON, Samuel P. **The clash of civilizations and the remake of the world order**. Nova York: Simon & Schuster, 1996.

KABIR, Ananya Jahanara; WILLIAMS, Deanne (eds.). **Postcolonial approaches to the European Middle Ages: translating cultures**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KAEUPER, Richard W. Historical introduction to the text. In: CHARNY, Geoffroi de. **A knight's own book of chivalry**. Trad. Elspeth Kennedy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. p. 1-46.

KEEN, Maurice. **Chivalry**. New Haven: Yale University Press, 1984.

LEVI, Giovanni. Microhistória e história global. **História Crítica**, Bogotá, n. 69, p. 21-35, 2018. Disponível em:

<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/hiscrit/article/view/4545/3937>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MIATELLO, André. O barco de São Pedro e as tormentas do mar: respostas papais às transformações religiosas do Mediterrâneo (séculos VII-XI). In: ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (eds.). **O Mediterrâneo medieval reconsiderado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019. p. 197-239.

MOORE, Robert I. A global Middle Ages? In: BELICH, James *et al.*(eds.). **The prospect of global history**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 80-92.

NICOL, Donald M. **The last centuries of Byzantium, 1261-1453**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

PURCELL, Nicholas. Unnecessary dependences: illustrating circulation in pre-modern large-scale history. In: BELICH, James *et al.*(eds.). **The prospect of global history**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SAID, Edward. The clash of ignorance. **The Nation**, 2001. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/clash-ignorance/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, São Paulo, n. 179, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970/> . Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVEIRA, Aline Dias da. História global da idade média: estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 210-236, 2019. p. 226. Disponível em: [https://a615a5e5-c98d-48ce-95fc-4c6127dff938.filesusr.com/ugd/3fdd18\\_12df75bc0f3948e18d7e0a4d631cd405.pdf](https://a615a5e5-c98d-48ce-95fc-4c6127dff938.filesusr.com/ugd/3fdd18_12df75bc0f3948e18d7e0a4d631cd405.pdf). Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVEIRA, Aline Dias da. Imago mundi: consciência de globalidade e cosmografia medieval. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-21, 2022. p. 3. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/110355>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **The portuguese empire in Asia, 1500-1700**: a political and economic history. Londres: Longman, 1993.

ZIERER, Adriana; BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro. **Cavalaria e nobreza**: entre a história e a literatura. Maringá: Eduem, 2017.

Recebido em 2024 01 – 24

Aprovado em 2024 – 06 – 13

Publicado em 2024 – 07 - 15